

DISCURSOS DE MULHERES TERENA: FRAGMENTOS DE UMA IDENTIDADE ÉTNICA

TERENA WOMEN'S DISCOURSES: PIECES OF AN ETHNICAL IDENTITY

Denize Elena Garcia da Silva¹

Neusa Arashiro Narico²

RESUMO: O artigo busca mostrar como as práticas discursivas de mulheres da etnia Terena, falantes do português como segunda língua, refletem sua identidade no interior da sociedade dominante. Trata-se de um enfoque funcional relativo a fenômenos linguísticos que, além de envolver elementos de natureza gramatical, ilustram mudanças linguístico-discursivas que se concretizam no contexto de uso. A primeira parte do trabalho compreende uma microanálise de entrevistas gravadas com as participantes do estudo. Em seguida, apresenta-se uma macroanálise no plano narrativo-discursivo enquanto prática social. Depois, busca-se apresentar e discutir as categorias que mais se destacam entre as práticas discursivas, referentes aos aspectos estruturais, textuais e funcionais presentes na fala feminina.

Palavras-chave: práticas discursivas; identidade étnica; mulher Terena.

ABSTRACT: The article aims to show how the discursive practices of women from the Terena ethnic group, speakers of Portuguese as second language, reflect their identity in the middle of the dominant society. It is a functional approach relative to linguistic phenomena that, besides involving elements of grammatical nature, illustrates linguistic changes at the discourse level that are materialized in the context of use. The first part of the work represents a microanalysis of recorded interviews with the participants of the study. After that, a macroanalysis of the entire social practice is presented. Finally, we present and discuss the categories that are distinguished among the discursive practices, referring to the structural, textual aspects and functional aspects present in the feminine speech.

Keywords: discursive practices; ethnic identity; Terena Woman.

¹ Doutora em Linguística Hispânica pela Universidad Nacional Autónoma de México – UNAM (1996) e Mestre em Linguística pela Universidade Brasília – UnB (1991), onde atua como Professora Associada junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística. Seus interesses de pesquisa envolvem estudos críticos do discurso e gramática sistêmico-funcional. É fundadora e sócia benemérita do Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste (GELCO). Contato: denizelena@gmail.com.

² Mestre em Linguística pela Universidade de Brasília (2005), desde 1998 participa de projetos de pesquisa voltados para a preservação da cultura e bem estar dos povos indígenas na região centro-oeste. Seus interesses de pesquisa envolvem estudos culturais e o discurso das minorias étnicas, com ênfase na situação dos povos indígenas ameaçados de extinção.

INTRODUÇÃO

O artigo visa mostrar como as práticas discursivas de mulheres da etnia Terena - falantes do português como segunda língua - refletem sua realidade social e suas identidades em meio a uma sociedade dominante. Trata-se de um enfoque discursivo-funcional relativo a fenômenos lingüísticos que, ademais de envolverem usos particulares do léxico do português, bem como de elementos de natureza gramatical, evidenciam mudanças lingüístico-discursivas que vêm à tona mediante o contexto de uso. O estudo ora apresentado resulta de um projeto maior de pesquisa, cujo escopo central consiste em aproximar níveis distintos de um sistema lingüístico: discurso (exterioridade) e gramática (interioridade).

Serão discutidas, aqui, pistas lingüístico-discursivas que constituem fragmentos identitários nas falas de mulheres Terena, residentes na “Aldeia Urbana Marçal de Souza”, em Campo Grande – MS³. A primeira seção envolve uma microanálise de entrevistas gravadas com as participantes do estudo. Nas seções subseqüentes são descritas e interpretadas as categorias referentes aos aspectos estruturais, textuais e funcionais presentes nessas falas femininas. Em seguida, apresentamos uma macroanálise no plano narrativo-discursivo, enquanto prática social. Depois buscar-se-á elencar e discutir as categorias das práticas discursivas mais significativas do *corpus* coletado. Nesse percurso, da micro- para a macroabordagem, apresentamos uma trilha possível de se chegar até aos fragmentos identitários presentes na instigante fala dessas mulheres relativamente ‘desaldeadas’. Procuramos, ao final, apontar possíveis traços de um discurso emancipatório que rompe, muitas vezes, com o nosso próprio preconceito de que as assimetrias ainda perduram de forma tão marcada, sobretudo, na população de etnia indígena.

Mergulhar na cultura do outro implica, de certa forma, tentar compreender a estrutura e a dinâmica das relações da etnia Terena, além de nos fazer refletir sobre a nossa própria maneira de ser e atuar sobre o mundo. Vale evocar a explicação de Oliveira Cardoso (1996, p. 33), referente à noção de fricção interétnica, ou seja, “o conhecimento do contato interétnico será alcançado de modo mais completo se focalizarmos as relações interétnicas enquanto relações de fricção”.

A preocupação em apreender a realidade resultante do contato interétnico vale-se da análise de entrevistas de mulheres desaldeadas, através da lupa da Análise de Discurso Crítica (ADC) que permite interpretar como as “fricções” acontecem, por exemplo, nas relações das instituições religiosas tribais, modificadas pelas ações de instituições ocidentais, ou as econômicas, influenciadas por suas ações recíprocas, e assim por diante. É justamente nesse roçar de contato que surgem e ressurgem novas maneiras de ler e construir a identidade que constitui o foco central da pesquisa ora apresentada.

³ Trata-se da 1ª aldeia urbana do Brasil.

1 A MICROANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Mesmo no início desse terceiro milênio, como mulheres, ainda buscamos nossa própria voz, tateando, fragmentando e desfragmentando identidades no mundo pós-moderno. Ainda que historicamente se tenham passado os séculos de opressão, continua-se a adquirir flexibilidade e desenvolver habilidades para lidar com as multifaces de tarefas, desde as mais complexas até as mais cotidianas. Podemos observar isso, de modo especial, na mulher indígena.

É sobre a lupa do dialogismo bakhtiano que iniciamos um olhar analítico sobre os fragmentos dos discursos orais da mulher Terena. Para tanto, ancoramo-nos no tripé da análise tridimensional de Fairclough (1992) para enxergarmos o texto como estrutura, como prática discursiva e, ao mesmo tempo, como prática social. De acordo com Fairclough, considera-se como prática discursiva a dimensão do uso da linguagem que compreende os processos de produção, distribuição e consumo de textos.

Cabe salientar que os segmentos das entrevistas das mulheres Terena serão apresentados sem modificações, em uma transcrição simples, já que o propósito, aqui, é investigar se há diferenças marcantes entre a fala da mulher desaldeada, que tem uma ocupação profissional fora do contexto doméstico, e da dona-de-casa, ou melhor, aquela cuja ocupação não ultrapassa as fronteiras da comunidade indígena.

1.1 AS ESCOLHAS LINGUÍSTICO-DISCURSIVAS

Buscamos examinar, de início, estruturas linguístico-discursivas na tentativa de fazer emergir o porquê de determinadas escolhas gramaticais e lexicais que são “lingüisticamente situadas, e não descarnadas de seus usuários”, como bem observa Marcushi (2003, p. 13). Analisar a fala da mulher Terena a partir dessas escolhas passa a ser um ponto de partida com a visão micro, pois é o primeiro sinal de sua exterioridade linguística inserida num contexto situacional e num contexto cultural que influenciam na forma de representar o seu discurso.

Um ponto de semelhança entre os discursos é a ênfase no emprego dos pronomes possessivos “*meu*”, “*minha*” e “*nossa*” que demonstra que o sujeito dessa fala é consciente do seu papel social e da sua historicidade. Os exemplos (1), (2) e (3) ilustram a afirmação.

(1) ... eu SEMPRE falo que o **meu** trabalho ele tem MUITO a ver assim com a **minha** vida né... e o Marçal de Sousa tem todo um trabalho e que eu SEMPRE falo que a gente teve um trabalho/ com a grande conquista pelo fato de tá sempre junto com a comunidade.

(EB - líder indígena - 56 anos)

(2) ... dou aula pra índios e não índios e sabe... apesar de ser assim eu ter uma característica física totalmente de índio, eu não domino a língua é uma coisa que eu

tenho sabe, assim/ o que me FALTA na verdade sabe... eu não falo é porque não aprendi/ não é porque não quis... ou porque neguei. Na **minha** sala de aula eu valorizo muito isso sabe... eu tenho **meu** cantinho indígena dentro de **minha** sala...

(MA - professora - 31 anos)

(3) ... primeiro porque a gente é índio tem que cultivar com a **nossa** tradição...

(VL - dona de casa - 27 anos)

Os excertos acima permitem afirmar que a ênfase nos pronomes possessivos posiciona o espaço em que se localiza essa instância específica do discurso, em que a escolha de marcar a posse evidencia o caráter de reforçar a sua identidade, bem como o seu papel social, seja no trabalho profissional ou no ambiente doméstico.

Outro elemento linguístico muito presente é a repetição do pronome pessoal “*eu*” o qual explicita que a mulher Terena evidencia sua subjetividade. Em seus estudos comparativos entre a fala e a escrita, Chafe (1985, p. 117) aponta que o uso do pronome de 1ª pessoa marca uma característica do envolvimento do falante com o assunto, o que ele denomina como uma categoria pragmática de autoenvolvimento, em oposição ao distanciamento esperado na escrita. Não obstante, mais que uma característica da língua oral, o uso constante desses pronomes na fala da mulher Terena evidencia a consciência que ela tem de si mesma e que só é experimentada por contraste. Nas palavras de Benveniste (1988, p. 286), eu não emprego “*eu*” a não ser dirigindo-me a alguém. Isso porque se trata da primeira pessoa do discurso. Ao enfatizar o elemento pronominal nessa fala, estabelece-se uma condição de diálogo em que o sujeito se remete a ele mesmo, no sentido de externalizar toda a sua subjetividade.

Uma repetição, como sugere Silva (2001, p. 72), não pode ser tomada como um mecanismo automático, mas, sim, deve ser vista como um fenômeno cuja presença no discurso tem alguma finalidade. Os exemplos (4), (5) e (6) atestam que a repetição do pronome pessoal “*eu*” não marca apenas uma característica da oralidade, mas contribui para a pesquisada, participante ativa da entrevista, enfatizar linguisticamente um desejo de inserção social. Estabelece-se, assim, um vínculo semântico e pragmático, ou seja, a mulher Terena não repete por repetir, e sim, exterioriza significados linguísticos e extralinguísticos.

(4) **Eu** acho... que nós temos que começar através da HISTÓRIA... e **eu** SEMPRE falo que o meu trabalho tem MUITO a ver assim... com a minha vida...

(EB - líder indígena - 56 anos)

(5) ... hoje **eu** ensino pra crianças... **eu** incentivo os alunos na escola principalmente incentivo minha filha...

(MA - professora - 31anos)

- (6) ... **eu** nasci, meus pais se casaram e engravidou teve a mim e **eu** era bebê... **eu** sai com um ano de fazenda... **eu** vim pra cidade...

(SV - dona de casa - 36 anos)

Se refletirmos sobre as condições da mulher desalçada ao repetir com tanta ênfase o pronome “*eu*”, pode-se inferir nessa situação discursiva, que o contexto social colabora para emergir tais estruturas linguísticas. Evidencia-se dessa forma, uma fala preocupada em fixar uma identidade autônoma.

Observe-se que o uso da 1ª pessoa do singular do pronome pessoal do caso reto é perfeitamente dispensável, mas pesquisas sociolinguísticas têm demonstrado que o falante brasileiro e, no caso, a mulher Terena, vem empregando com maior frequência esse pronome apesar de a flexão verbal ser suficiente para reconhecer o agente da ação.

Enfoquemos, agora, o nível lexical. Sugere Fairclough (2001) que o estudo do vocabulário pode ser investigado de muitas maneiras, primeiro com o enfoque tradicional do dicionário em que as palavras têm sentidos mais estáveis. Outra forma é verificar os processos de criação de palavras (“*wordings*”), ou seja, a multiplicidade de se expressar com novas expressões. Nos dados do presente estudo, observa-se que o uso de “novas palavras”, presente nos movimentos sociais a partir da década de 80, já faz parte da fala cotidiana das mulheres Terena que atuam profissionalmente. Por outro lado, as donas-de-casa utilizam determinados vocábulos quando mencionam benefícios de programas de renda complementar dos governos e ONGs. Vejamos três exemplos a seguir:

- (7) ... acabamos crescendo na cidade em Campo Grande e comecei a fazer um **trabalho** desde 1987 que eu **retomei a LUTA** indígena... até então eu era dona de casa....

(EB - líder indígena - 56 anos)

- (8) ... um **trabalho** com a **comunidade** e que nós/ é eu falo que esse **TRABALHO**...fruto do meu **trabalho**... essas **conquistas** tudo devo a ela que/ a qual me tirou de ser dona de casa pra vir pro **movimento**...

(EB - líder indígena - 56 anos)

- (9) ... procuro trabalhar a **pluralidade** que existe na sala de aula... e trabalhando com **índios e não índios**... e isso eu vejo de grande valia trabalhar desse jeito...

(MA - professora -31 anos)

- (10) ... eu dei graças a Deus por essa **cesta básica** e outros **trabalhos sociais** que têm aqui também pra crianças... também ao **projeto seninha** que tem aqui...

(SS - dona de casa – 28 anos)

Cabe destacar que palavras e expressões oriundas do mesmo contexto semântico, tais como: *luta, comunidade, movimento, pluralidade, índios, não-índios, cesta básica, trabalhos sociais e projeto seninha* entre outras, evidenciam a naturalização de um discurso de inclusão social, marcado por uma ideologia política. Vale ressaltar que o usuário, ao empregar tais palavras “ressignificadas” está, na realidade, construindo a sua própria identidade. Isto é, quando a mulher Terena internaliza esse vocabulário mais direcionado aos participantes dos movimentos sociais, ela o faz de forma consciente. Desse modo, ao externalizar expressões desse contexto ela está consciente do seu papel social. Nas palavras de Rajagopalan (2003, p. 71), “a única forma de definir uma identidade é em oposição a outras identidades em jogo. Ou seja, as identidades são definidas estruturalmente. Não se pode falar em identidade fora das relações estruturais que imperam em um momento dado”.

Portanto, a construção da identidade é também um processo de adequação às demandas sócio-culturais. O exemplo (10) permite inferir que a mulher Terena se engaja em um novo domínio discursivo para poder usufruir as benesses dos programas sociais. A seleção lexical, nesse sentido, traduz-se como uma competência discursiva do falante de ser coerente com a comunidade lingüística na qual está inserido. Por outro lado, não deixa de ser um jogo de poder para diminuir as assimetrias submersas nesse aparente consenso.

1.2 A FORÇA DISCURSIVA DO DIMINUTIVO: DELICADEZA OU PERSUASÃO?

Outro aspecto que chama a atenção na microanálise é o emprego de vocábulos no diminutivo, o que culturalmente se faz presente de forma mais intensa na fala feminina. Trata-se de um grau que demonstra a delicadeza “esperada” do sexo feminino, bem como de uma especificidade vocabular que sinaliza um discurso voltado para os contextos de meiguice, carinho, gentileza e, também, de submissão. Os exemplos (11) a (14) ilustram esse grau de envolvimento:

(11) ...é o segundo **curzinho** que tô fazendo... o primeiro foi aquele de **cestinha** de jornais.

(SV - dona de casa -36 anos)

(12) ...pra gente que não tem como financiá... comprá **tudinho** as coisas pra nós vai ser muito bom.

(SS - dona de casa - 28 anos)

(13) ... professores que vêm aqui dentro... pega faz a **filinha** deles... leva **tudinho** eles pro ônibus... cinco horas ele estão de volta...

(SS - dona de casa -28 anos)

No período da coleta de dados para esta pesquisa, algumas entrevistadas participavam de um curso de artesanato do FAT – Fundo de Amparo ao Trabalhador. Uma das participantes, ao ser indagada sobre a validade de tal curso, argumentou da seguinte forma:

- (14) ... é um meio da GENTE ganha /um algum **dinheirinho** porque muita gente que tá interessado em fazer/ a gente aprendeu muita coisa... que a gente não sabia com a semente e com a palha né?... Então APRENDEU muita coisa... a gente aprende a trançar as palhas e a furar aquela **sementinha** também e fazer pulseira brinco tudo **trançadinho**...

(MM - atendente - 29 anos)

Observa-se que o emprego de uma série de vocábulos no diminutivo tais como: *cursinho*, *cestinha*, *filinha*, *dinheirinho*, *sementinha* e *trançadinho*, assim como do indefinido *tudinho* vem carregado de afetividade. Por outro lado, a mulher Terena, ao empregar o vocábulo “*dinheirinho*”, expressa discursivamente a ideia de que a remuneração com o trabalho artesanal é apenas uma complementação da renda familiar. O uso do diminutivo sugere, aqui, uma fala de submissão em que a mulher para adentrar no mercado de trabalho inicia “*ganhando um dinheirinho*”. Pode-se inferir, portanto, que nesse contexto o diminutivo não é para comunicar o grau do substantivo, mas, sim, para expressar uma fala feminina permeada de humildade e de submissão perante aos chamados que a vida urbana impõe.

Magalhães (2000, p. 95) propõe que para conceituar a identidade é essencial discutir a relação entre a linguagem, a ideologia e o gênero. O diminutivo na fala feminina está de certa forma cristalizado como pertencente a esse gênero, o que por sua vez constitui uma prática social que fixa num determinado momento o papel do sujeito dessa fala. Na expressão de Orlandi (1988), “ao significar nos significamos”. Nesse sentido, a forma como as mães Terena falam de si representa uma prática identitária com um *ethos* próprio.

1.3 AS MODALIDADES COMO DÊIXIS DA ENUNCIACÃO

Afirmam Vilela e Koch (2001: 163) que a noção de pessoa constitui o eixo de uma categoria denominada dêixis lingüística, uma vez que se trata de um ponto de partida para o estabelecimento das relações entre o falante, o espaço e o tempo da enunciação e do enunciado. Sempre seguindo os dois autores, faz-se necessário distinguir a pessoa (eu-tu/você, nós (a gente)/ vós) da não-pessoa (ele/eles), que determinam os envolvidos na interlocução e o referente. No português, a categoria pessoa em geral é subentendida na própria desinência flexional. Já o tempo verbal, como categoria gramatical, marca o ponto dêitico da enunciação. Como os dados do presente estudo apresentam o mundo narrado pela voz da mulher Terena desaldeadada, é pertinente o uso de tempos verbais no pretérito perfeito do indicativo ou

no pretérito imperfeito como: “*sain*”, “*trabalhei*”, “*comecei*”, “*parava*”, “*acompanhava*” e “*vim*”. Apreciemos os exemplos (15) a (19):

(15) Minha mãe **saiu** da aldeia quando era pequena e veio pra cá...com meus avós.
(MA – professora – 31 anos)

(16) Já **trabalhei** na escola Sullivan Silvestre Oliveira.
(CM – professora e atendente bilíngüe – 37 anos)

(17) Apenas nasci lá **vim** mora em Campo Grande.
(SS- dona de casa – 28 anos)

Acrescente-se, ainda, que a temporalidade pode ser expressa também através de itens lexicais que denotam tempo (ano, semana, dia, século e outros) e advérbios (antigamente, recentemente, ontem, etc.), como ilustram os exemplos abaixo:

(18) ... mas **de repente**...eu aí tô **lá na aldeia** tem uma escola BOA principalmente a escola eu vou pra **lá na aldeia** e: aí já começa a tirar gente da aldeia.
(MA – professora – 31 anos)

(19) Eu já tô aqui: vai pra cinco **anos**/ o bairro recebeu muitas melhorias **antigamente** era de lona.
(CM – professora e atendente bilíngüe – 37 anos)

(20) ... em 9 de julho senão me engano foi inaugurado aqui... foi **essa época** que mudei pra juntamente com o pessoal que tá aqui no memorial **há quatro anos aqui**.
(MM – atendente – 29 anos)

Ao destacar como as informantes empregam o verbo, é possível mostrar que a “modalidade” é uma categoria semântico-formal em que se tem, de um lado, a gramática propriamente dita e, de outro, a intenção do falante. A partir desse jogo ilocucional constroem-se os parâmetros: possibilidade ou impossibilidade, condição, necessidade, certeza e incerteza, exigência, etc. Os exemplos (21) e (22) ilustram o exposto:

(21) ... e onze horas... onze e meia **tenho que** buscar e: **tenho que** prepará o almoço...
(SV - dona de casa - 36 anos)

(22) ... o que eu não **gostaria... se eu pudesse eu levaria** a estrutura DAQUI pra aldeia e **moraria** na aldeia...
(MA - professora - 31 anos)

Os exemplos acima ilustram o que Koch (1993, p. 78) classifica como as modalidades deônticas que se referem ao eixo da conduta, isto é, a linguagem das normas, aquilo que se deve fazer. O “*tenho que*” no sentido de obrigação e “*se eu pudesse eu levaria*” no sentido de possibilidade. Os excertos atestam, ainda, que a mulher Terena, ao se situar como pessoa do discurso, num determinado espaço, tempo e modo aponta através desses dêiticos não só a categoria gramatical como comunicação, mas interage com o seu interlocutor o que permite realizar a análise dos enunciados numa perspectiva discursivo-funcional.

As categorias de natureza sócio-cognitiva de Van Dijk (2001), nas palavras de Silva (2003, p. 55), “possibilitam examinar também as atividades lingüísticas à luz da dimensão espaço-temporal e do contexto histórico-social, permitem indagar em que medida as relações gramaticais podem ser governadas pela prática discursiva.” Nessa perspectiva, pode-se afirmar que o falante não faz escolhas aleatórias, uma vez que modaliza sua fala para atender a uma demanda sócio-discursiva, posicionando-se, assim, como sujeito consciente de seu tempo e de seu espaço. Além de monitorar-se em seus atos de fala, busca estabelecer conectividade seqüencial entre os mesmos, o que imprime coesão ao seu discurso, aspecto que será enfocado a seguir.

1.4 OS ELOS COESIVOS

A coesão trata dos elos entre frases e orações. Os elos mais comuns de se identificar são as conjunções ou conectivos. Outra forma é o emprego de expressões tais como: no entanto, por isso, desse jeito, além de, por exemplo, além disso, e outros que fazem o texto progredir. Esses elos funcionam também como operadores argumentativos, presentes na superfície textual que “*seguram*” a estrutura de base das frases simples e até de orações mais complexas como as intercaladas. Por se tratar de um *corpus*, coletado através de gravação de entrevistas orais, as pausas são constantemente preenchidas por conectivos coesivos, não havendo diferenças entre os dois grupos de informantes. Os exemplos de (23) a (28) permitem ilustrar o exposto.

(23) Bom... o Marçal de Sousa pra mim ELE foi uma experiência nova né... até então **porque** fui criada fora de minha aldeia **e**: até por questão de família **porque** meu pai já não quis ficar mais na aldeia.

(EB - líder indígena - 56 anos)

(24) ...tem uma que tá morando comigo... daqui uns dias ela vai começa a trabalhar, **mas** por enquanto não.

(MM - atendente - 29 anos)

(25) Eu trabalhava na parte de resgate com uma cartilha com as crianças **e** interessante as crianças são bem interessadas **e** isso com a cartilha repetindo na música.

(CM - professora e atendente bilíngue - 37 anos)

(26) Eu não falo é **porque** não aprendi, não é **porque** quis... **ou porque** neguei.
(MA – professora – 31 anos)

(27) Até agora tô: aqui morando, **mas** sempre vou à aldeia pra não perder o costume.
(SM – dona de casa – 30 anos)

(28) Sou professora de séries iniciais e já estou aqui há cinco anos.
(CM – professora e atendente bilingue – 37 anos)

Os marcadores coesivos mais usados são: *e, mas, porque e quando*. Tais usos são justificados, pois o *corpus* é constituído de entrevistas orais de mulheres desaldeadas que puxam pelo fio da memória para explicar, justificar, acrescentar ou contradizer. Nas palavras de Koch (1991, p. 19), “o conceito de coesão textual diz respeito a todos os processos de seqüencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual.”

Ainda quanto à coesão, tem-se exemplos de referência anafórica, pois os itens da língua são interpretados semanticamente com relação a outros itens explícitos e/ou contextuais. Os exemplos (29) a (32) ilustram o que se denomina como pronome cópia anafórico, usado para se referir a um termo anterior, evitando-se assim, a repetição do mesmo vocábulo. Os pronomes “*ele*”, “*ela*” e “*eles*” nestes excertos corroboram também para a progressão textual, na medida em que a informante acrescenta novos significados a sua fala:

(29) ... sempre falo que o meu trabalho **ele** tem muito a ver assim...
(EB – líder indígena - 56 anos)

(30) ... o Marçal de Souza pra mim **ele** foi uma experiência nova.
(EB - líder indígena - 56 anos)

(31) Minha mãe tem uma criatividade que **ela** mesmo não sabia que **ela** tinha.
(SS – dona de casa – 28 anos)

(32) ... todo dia está vendo **os filhos** tá vendo os filhos o que **eles** estão passando.
(BD – dona de casa – 51 anos)

Os elos coesivos aqui destacados permitem que se observe como a mulher Terena racionaliza seus argumentos e, assim, emerge a voz e o *ethos* dessa identidade. Vale ressaltar que a coesão e a coerência são aspectos da análise textual, sendo que a primeira envolve conectividade sequencial enquanto a segunda implica conectividade conceptual. Conclui-se que as pistas lingüísticas garimpadas, ainda que de modo sucinto, numa perspectiva de microanálise, permitem desvendar outros aspectos maximizados ainda mais pelo contexto sócio-discursivo, o que será visto a seguir.

2 A MACROANÁLISE: A ENTREVISTA ENQUANTO PRÁTICA SOCIAL

Ao se proceder a análise de um discurso, parte-se do pressuposto de que um sistema lingüístico não é neutro, porque são pessoas falando para outras pessoas, veiculando idéias e crenças num determinado contexto. Trata-se, aqui, de refletir como é o funcionamento da linguagem. Muitas correntes teóricas se propuseram a explicá-la, mas é com a pesquisa do lingüista Michael Halliday (1975), influenciado pelo clássico trabalho do antropólogo Malinowski (1924), que o foco se volta para o lado social da linguagem humana. Acercamo-nos, pois, de uma abordagem sociosemiótica, da qual se vale também Fairclough (2001). Nessa perspectiva, a gramática sistêmico-funcional, na vertente hallidyana, sugere que os falantes não fazem determinadas escolhas para se expressarem aleatoriamente, mas, sim, o fazem como atores sociais, conscientes e usuários de um sistema lingüístico, ferramenta social que disponibiliza uma gama de opções e que atende às demandas em sua cultura, seja de orientação econômica, política, cultural e ideológica.

Portanto, é na materialidade do discurso que será possível explicar a língua em uso, levando-se em conta as condições de produção, o contexto de produção, os participantes desse contexto e como organizam o texto para comunicação (ORLANDI, 1988). Assim é que, ao narrar sua história de vida, através de suas experiências, conquistas, sonhos e angústias, a mulher Terena encontra na linguagem o seu ponto de apoio para dialogar com a sua interioridade identitária e com a sua exterioridade de conhecimento de mundo.

2.1 A PRÁTICA DISCURSIVA

Ao iniciar sua resposta no processo da entrevista, uma das participantes da pesquisa cria uma expectativa no ouvinte, estabelecendo, dessa forma, o envolvimento interpessoal. Quando uma das entrevistadas, uma líder Terena, no caso, repete “*meu trabalho*”, “*todo um trabalho*” e “*trabalho com a grande conquista*”, instiga o seu interlocutor a se interessar pelas novas informações que responderão a seguinte indagação: qual é o trabalho que representa essa grande conquista? Ao aguçar a curiosidade do ouvinte com essa estratégia discursiva, o enunciador estabelece o início da interação, em que as sentenças como atos de fala expressam o nosso mundo interior e exterior. O exemplo (33) atesta o exposto:

- (33) Eu sempre falo que o **meu trabalho** ele tem muito MUITO a ver com a MINHA vida...e o Marçal de Sousa tem **todo um trabalho** e:: que eu sempre falo que a gente só **teve um trabalho com a grande conquista** pelo fato de tá sempre junto com a comunidade.

(EB – líder indígena – 56 anos)

Nesse sentido, afirmamos que há dimensões “sociocognitivas” específicas quando a pesquisada/participante verbaliza estruturas lingüísticas que amarram o

seu interpretante numa inter-relação, em que a coerência discursiva depende das informações interiorizadas. E estas sobem à superfície textual com a força dos enunciados de acordo com o nível de interação da pesquisadora com o contexto sócio-histórico da pesquisada.

2.2 A COERÊNCIA NAS TEIAS DAS PRÁTICAS DISCURSIVAS

Ao proceder uma análise das falas dessas índias de etnia Terena, pode-se visualizar os tentáculos de um polvo e guiar-se por essa imagem fixando o olhar em cada unidade de informação e em cada palavra que, em geral, surgem e ressurgem unísonas pela sua repetição, como se acompanhasse o ritmo do bailar de tentáculos. Nesse ecoar, as falas emergem com a coerência da força argumentativa dessas histórias de vida. Infere-se, portanto, que a coerência sendo “tentacular” e a coesão “linear” nos permitem vislumbrar, de certa forma, uma organização na leitura dos fragmentos identitários dessa etnia. Os exemplos (34) a (39) que fazem parte da 1ª entrevista, elucidam as analogias apresentadas:

(34) ...**eu acho** que nós temos que começar através da história...

(35) ...**eu sempre falo** que o **meu trabalho** tem muito a ver assim com a minha vida.

(36) ...**eu sempre falo** que a gente teve **um trabalho** com a grande conquista pelo fato de tá SEMPRE junto com a comunidade.

(37) ...**eu falo assim** que o esse **trabalho**, fruto do **MEU trabalho**...

(38) ...**eu comecei** a fazer **um trabalho** comecei a **participar de um processo** de organizações indígenas

(39) ...**eu falo** que o Marçal de Sousa é **um exemplo** de conquista, é um **exemplo de conquista**.

(EB – líder indígena – 56 anos)

Na fala da líder Terena, observa-se que a repetição das expressões: “*eu acho*”, “*eu sempre falo*”, “*eu falo assim*”, “*eu falo*”, “*meu trabalho*”, “*um trabalho*” e “*um exemplo*” evoca as funções propostas por Fairclough (2001), quais sejam: a função identitária e a relacional que, nos termos fairclougheanos, correspondem à macrofunção interpessoal de Halliday (1978). Nessa perspectiva, a pesquisada/participante não só assume a autoria de sua fala, mas, sobretudo, ao repetir, enfatiza o processo de construção de sua própria identidade social. Pertinente, neste momento, destacar as ideias de Fairclough (2001, p. 104), para quem “toda oração é multifuncional e, assim, toda oração é uma combinação de significados ideacionais, interpessoais (identitários e relacionais) e textuais. As pessoas fazem escolhas sobre o significado (e a construção) de identidades sociais, relações sociais e conhecimento e crença”.

2.3 A GRAMÁTICA QUE EMERGE DO CONTEXTO

Quando a informante nos exemplos apresentados a seguir elabora e verbaliza a 1ª pessoa do discurso de três formas diferentes mediante o emprego do “*eu*”, “*a gente*” e “*nós*”, para se referir a si mesma, comprova que o falante, ao enunciar, faz escolhas de acordo com a sua intenção discursiva, combinando o seu conhecimento de mundo com a imagem do seu ouvinte. Satisfaz, nesse sentido, as suas necessidades pessoais e sociais através do arranjo de seu enunciado, aliada as outras formas de significar como o gesto, o tom de voz, o olhar e o sorriso que são recursos extralingüísticos. Examinemos os exemplos seguintes:

- (40) ...**eu** sempre falo que **a gente** só teve um trabalho com a grande conquista pelo fato de SEMPRE junto com a comunidade...
 ...**eu** retomei A LUTA indígena...
 ...**eu** recomencei A LUTA pela ocupação do Marçal de Souza...
 ...**nós** pretendemos é implantar o que falta ...
 ...**a gente** tá entregando...
 ...**nós** chegamos a conclusão
 ...**a gente** exige muito isso...

(EB - líder indígena - 56 anos)

Os enunciados em destaque ilustram uma variação para atender a uma demanda semântica, havendo um contrato de negociação com o seu ouvinte. Por exemplo, a líder Terena usa o pronome na 1ª pessoa do singular quando rememora fatos bem concretos de sua trajetória como líder, “*eu falo*”, “*eu retomei*”, “*eu comecei*”. Já o emprego da 1ª pessoa do plural remete a um contexto de situação mais abstrato “*nós pretendemos*”, “*nós chegamos*” em que a comunidade passa a fazer parte dessa fala. Mas quando emprega o “*a gente*” a informante se distancia do compromisso dessa fala e a transforma em algo fluido em que não é possível se fazer uma conexão clara entre a ação e o seu agente. Em poucas palavras, ela neutraliza o seu discurso com o emprego da forma gramaticalizada “a gente”.

Silva (2003, p. 62) explicita que a expressão “*a gente*”, no português brasileiro, foi gramaticalizada como resultado de estratégias lingüístico-discursivas e vem assumindo cada vez mais a função de pronome indefinido, uma vez que marca a intenção de neutralidade. Nos excertos acima se constata que a líder usa “*eu*”, “*nós*” e “*a gente*” em uma gradação semântico-discursivo indo do discurso mais comprometido ao discurso do quase vazio, isto é, em que não se identifica “o responsável” pela ação. Nesse sentido, vê-se que é no uso da linguagem que o sujeito se insere no mundo, molda e é moldado por ele a todo o momento. Tem-se, portanto, nestes exemplos, a associação entre o uso de diferentes formas lingüísticas e o seu significado social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como bem registra Bakhtin (1997, p. 282), “a língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua”. É nessa concretude da fala da mulher Terena que se fortalece o elo entre a língua e a vida, da mesma forma que o enfoque discursivo-funcional, pertinente a fenômenos linguísticos, retratam mudanças linguístico-discursivas que sobem à superfície quando no seu contexto de uso.

O mergulho nas entrevistas das mulheres Terena, guiado pelos pressupostos da análise de discurso crítica, envolve um exercício contínuo de vir à superfície textual, “tomar o ar”, submergir nas entrelinhas e nas profundezas dessas falas. Nesse sentido, podemos afirmar que a linguagem é capaz de nos seduzir e nos conduzir a desvelar novos paradigmas linguísticos. Interpretamos, portanto, que a teoria social do discurso, por se constituir ao mesmo tempo em teoria e método como propõe Fairclough (2001), fornece-nos um arcabouço analítico consistente para se fazer uma análise linguístico-discursiva mais rigorosa, sobretudo, em termos de alcance de validade científica e de alcance social.

Por outro lado, a fala das mulheres de etnia Terena permite-nos evocar, em termos de resgate cultural, o pensamento de Cabral (2002, p. 84), para quem “por pior que tenha sido a experiência de um povo ou sociedade, ao deixar para trás a cultura em que se assentava, resta o fato de que esta experiência, de alguma maneira, foi incorporada pelas pessoas”. Pela reflexão aqui discutida, vimos o discurso da mulher Terena permeado por vozes que incorporam outros perfis em sua fala, exemplo vivo que, ao experimentar novos paradigmas, reorganiza o seu texto e incorpora novas práticas discursivas, o que nos permite identificar os cacos de sua identidade nesse contexto da modernidade.

Tanto na visão microtextual quanto na visão macrotextual, a identidade da mulher Terena, no desempenho de seu papel social, restrito ou não aos afazeres domésticos, retrata não só a sua visão de mundo, mas a sua inter-relação com o outro e como faz escolhas linguístico-discursivas para se impor e sobreviver em cada situação criada pela pós-modernidade. Como lembra Hall (2004), trata-se de tempos atuais em que os sujeitos têm a sua identidade “descentrada”, isto é, deslocada ou fragmentada e redimensionada a todo o momento, o que implica a procurar um balizamento que esteja de acordo com cada necessidade comunicativa, ou seja, é um desafio que diz respeito a todos nós.

Considerando a complexidade das teias discursivas de nossa contemporaneidade, aprender a desvendar alguns pontos dessa trama é vivenciar novas surpresas que só o discurso é capaz de fazer subir à superfície, tais como essas estruturas linguísticas, bem como as palavras matizadas de novos significados, que as pesquisadas nos presenteiam ao narrar suas histórias nas entrevistas. Portanto, por apresentar uma abordagem ao mesmo tempo ampla e profunda, a análise de discurso crítica tem um enfoque transdisciplinar, ferramenta capaz de abrir caixas de enigmas a serem desvendados pela magia de como concebemos e articulamos nossas falas. Tentar

compreender a cultura do “outro” é um exercício de ressonância, em que se é capaz de ouvir a sua própria voz, através da angústia do desconhecido, da quebra de preconceitos e, sobretudo da descoberta de novas concepções representadas na linguagem.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BENVENISTE, Emile. *Problemas de lingüística geral*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luiza Néri. 2. ed. Campinas-SP: Pontes, 1988.
- CABRAL, Paulo E. *Educação indígena em Mato Grosso do Sul: algumas reflexões*. Campo Grande: Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul, 2002.
- CHAFE, W. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: OLSON, D.; TORRANCE, N.; HILDYARD, A. (eds.). *Literacy, language and learning: the nature and consequences of reading and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Org. da trad. Maria Izabel Magalhães. Brasília: Editora da UnB, 2001.
- _____. *Discourse and social change*. Londres: Polity Press, 1992a.
- HALL, Stuart. *A identidade na pós-modernidade*. 9. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2004.
- HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. Londres: Edward Arnold, 1994.
- _____. Estructura y función del lenguaje. In: LYONS, John (ed.). *Nuevos horizontes en la lingüística*. Madrid: Alianza, 1975.
- KOCH, Ingedore G.V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1993.
- _____. *A coesão textual*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1991.
- MAGALHÃES, Izabel. *Eu e tu: a constituição do sujeito no discurso médico*. Brasília: The-saurus, 2000.
- MARCUSHI, Luiz A. Atividades de referenciação no processo de produção textual e o ensino de língua. In: SILVA, D. E. G. et al. (Org.). *Estudos de linguagem: inter-relações e perspectivas*. Campo Grande-MS: Editora UFMS, 2003.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *Revista de Antropologia*, USP, São Paulo, v.39, 1996.
- ORLANDI, Eni P. *Discurso e leitura*. Campinas-SP: Cortez, 1988.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- SILVA, Denize Elena G. Gramática e contexto na perspectiva funcional do discurso. In: SILVA, D. E. G. et al. (orgs.). *Estudos de linguagem: inter-relações e perspectivas*. Campo Grande-MS: Editora UFMS, 2003.
- _____. *A repetição em narrativas de adolescentes: do oral ao escrito*. Brasília: Editora Universidade de Brasília/Editora Plano, 2001.
- VAN DIJK, Teun A. El discurso como interacción social. In: *Estudios sobre el discurso II: una introducción multidisciplinaria*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2001.
- VILELA, M.; KOCH, I. G. V. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2001.